

## A diversidade humana sobre a análise da teoria social

### Human diversity on the analysis of social theory

DOI:10.34117/bjdv7n1-404

Recebimento dos originais: 14/12/2020

Aceitação para publicação: 14/01/2021

#### **William Silvano de Camargo**

Doutorando em Desenvolvimento Regional e Agronegócio pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE). Mestre em Serviço Social pela Unioeste - Campus de Toledo/PR. Graduado em Serviço Social pela Faculdade Itecne. Pesquisador do Grupo de Estudos e Pesquisa em Gestão Social, Inovação, Cultura e Religião (GESSICUR) vinculado a (UNIOESTE), Universidade Estadual do Oeste do Paraná. Professor colaborador do Curso de Serviço Social da Unioeste – Campus de Toledo/PR. Especialista em Fundamentos do Serviço Social e do Trabalho do Assistente Social pela Faculdade Itecne.

E-mail: wscamar@gmail.com

#### **Thaisy de Paula Dias**

Graduado em Serviço Social pela Faculdades Itecne – Cascavel/PR. Pós Graduada em Intervenção Social nas Políticas de Assistência, Educação e Saúde, pelo Programa de Pós Graduação *Lato Sensu* do Centro Universitário FAG – Cascavel/PR.

E-mail: tha\_tpd@hotmail.com

#### **Olirdes Maria Galvão**

Graduada em Serviço Social pela Faculdades Itecne – Cascavel/PR.

E-mail: olirdesgalvao@hotmail.com

#### **Inês Terezinha Pastório**

Doutora em Desenvolvimento Rural Sustentável (PPGDRS), pela UNIOESTE, Campus de Marechal Cândido Rondon. Mestre em Desenvolvimento Rural Sustentável (PPGDRS), pela UNIOESTE, Campus de Marechal Cândido Rondon. Graduada em Serviço Social pela UNIOESTE. Pesquisadora do Grupo de Estudo e Pesquisa em Políticas Ambientais e Sustentabilidade (GEPPAS) e do Grupo Interdisciplinar e Interinstitucional de Pesquisa e Extensão em Desenvolvimento Sustentável (UNIOESTE). Professora orientadora no Programa de Pós Graduação *Lato Sensu* do Centro Universitário FAG – Cascavel/PR.

E-mail: inespastorio@gmail.com

#### **Izaque Pereira de Souza**

Doutorando em Educação pela UEM – Maringá/PR. Mestre em Educação e Políticas Sociais pela Unioeste – Campus Cascavel/PR. Graduado em Direito pelo Centro Universitário Univel – Cascavel/PR. Especialista em Educação pela Unioeste – Campus Cascavel/PR. Membro do Grupo de Pesquisa em Direitos Humanos para Criança e Adolescente/UNIOESTE (GEPDDICA) e do Grupo de Pesquisa e Estudos em Mídias e Estudos Culturais/UEM (GPEMEC). Membro da Associação Brasileira de Ensino e Pesquisa em Serviço Social (ABEPSS) e da Associação Nacional de Pesquisadores Negros (ABPN). Coordenador, Professor e Orientador na Pós Graduação *Lato Sensu* do

Centro Universitário FAG – Cascavel/PR.  
E-mail: ipsouza.souza@gmail.com

## RESUMO

O presente artigo é descobrimento do trabalho apresentado na IX Semana Acadêmica e II Seminário Estadual de Serviço Social das Faculdades Itecne de Cascavel/PR no ano de 2016<sup>1</sup> e tem como principal objetivo apresentar a diversidade como elemento que se encontra atrelado ao Serviço Social, uma vez que seus enfrentamentos podem ser compreendidos como expressão da “questão social”<sup>2</sup>. Ao considerarmos que os movimentos sociais, como espaço e expressão da diversidade tem promovido a discussão sob a perspectiva da equidade e da não-exploração dos sujeitos, tais discussões partem do pressuposto de que a diversidade existente na nossa sociedade, nas formas de lidar com as diferentes etnias, classes sociais, crenças, e gênero representam, para a prática profissional do Assistente Social, um desafio no que diz respeito à sua intervenção. Para atingirmos este objetivo nos valem da revisão bibliográfica como metodologia e como método, do materialismo histórico dialético, pautando nossa discussão a partir de Marx e Gramsci. Pretendemos com este diálogo, destacar que o que vem sendo proposto pelos movimentos sociais - suas lutas e reivindicações – devem se configurar mais do que uma preocupação na atuação profissional; precisam ser compreendidos como um avanço das conquistas na garantia dos direitos sociais e fortalecimento da identidade profissional sem porém desconsiderar que embora tenhamos avançado, ainda há muito a caminhar.

**Palavras-chave:** Atuação Profissional. Movimentos Sociais. Diversidade. Serviço Social.

## ABSTRACT

This article is the discovery of the work presented at the IX Academic Week and II State Seminar of Social Service of the Faculties Itecne de Cascavel/PR in the year 2016 and has as its main objective to present diversity as an element that is linked to Social Service, since its confrontations can be understood as an expression of the "social question". When we consider that social movements, as a space and expression of diversity, have promoted discussion from the perspective of equity and non-exploitation of subjects, such discussions start from the assumption that the diversity existing in our society, in the ways of dealing with different ethnicities, social classes, beliefs, and gender represent, for the Social Worker's professional practice, a challenge regarding his intervention. In order to achieve this goal, we make use of the bibliographic review as a methodology and as a method, of the dialectical historical materialism, guiding our discussion based on Marx and Gramsci. With this dialogue, we intend to emphasize that what has been proposed by the social movements - their struggles and demands - must be configured more than a concern in professional action; they must be understood as an advance of the achievements in guaranteeing social rights and strengthening professional identity without disregarding that although we have advanced, there is still much to be done.

**Keywords:** Professional Performance. Social Movements. Diversity. Social Service.

<sup>1</sup> Os anais do evento se encontram no endereço: <http://itecne.com.br/social/index.php?menu=10>. Vol. I - Ano 2016 ISSN 2446-5518, da Faculdade Itecne Cascavel-PR.

<sup>2</sup> Utilizaremos a expressão “questão social” pelo fato de a utilizarmos, neste contexto, como categoria do Serviço Social.

## 1 INTRODUÇÃO

Ao tratar a questão da diversidade do ser humano, Marx a trabalha considerando ser a morte a única coisa em comum entre os sujeitos, podendo ela chegar de forma diferente, mas sendo ao final, sempre a mesma morte. Importante lembrarmos, ao se lançar nosso olhar para tal análise, é que na época em que Marx propôs suas análises, o campo da diversidade como o conhecemos hoje ainda não se fazia tão nítido como se faz na contemporaneidade. E muitos foram os sujeitos que nos auxiliaram nesse processo de compreensão.

Os movimentos sociais contemporâneos como a CUT (Central Única dos Trabalhadores), os Movimentos Estudantis, o Movimento Sem Terra (MST), os Movimentos Feministas, os Movimentos Indígenas, o Movimento LGBTQIA+ (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Transgêneros, Queer, Interssexuais, Assexuais e outros), os Movimentos Negros entre outros, trazem à tona uma expressão da diversidade que até então muito pouco ou quase nada se discutia.

E entendemos ser sobre estes espaços de expressão e manifestação da diversidade, que representam o real e o concreto vivido por esses segmentos, que Marx se refere ao trazer que “O concreto é concreto por ser a síntese de múltiplas determinações, logo, unidade na diversidade” (MARX, 1983, p. 218-219 *apud* FRANÇA e LUCENA, 2009, p.2), o que constitui desta forma a identidade destes movimentos e também da profissão. Por este motivo, buscamos com o presente trabalho problematizar esta questão, trazendo elementos que possibilitem ampliar o olhar acerca da diversidade considerando o entendimento de sujeito que se situa historicamente.

Para atingirmos esse objetivo, buscamos dividir o presente artigo em dois títulos. No primeiro trataremos uma breve contextualização acerca dos movimentos sociais, seu histórico e suas influencias na dinâmica do reconhecimento da diversidade e no segundo trataremos mais especificamente de nosso objeto, trazendo a discussão para o âmbito da questão identitária e os rebatimentos destes conceitos no contexto social. Trata-se, como dito anteriormente, de uma problematização da temática que volta seu olhar e a discussão para o espaço profissional. Será portanto um exercício complexo que trará mais provocações do que conclusões.

## 2 CONTEXTUALIZANDO A HISTÓRIA DOS MOVIMENTOS SOCIAIS

Os movimentos sociais sempre tiveram uma identidade que busca a inclusão social em vários segmentos, além da garantia de direitos da população que sempre foi

tratada como minoria sob o aspecto político, com vistas à igualdade com justiça social, fraternidade atrelada à solidariedade, bem como a liberdade com vistas à autonomia.

São muitos os movimentos sociais existentes desde a Revolução Industrial até a contemporaneidade, e entendemos que seu surgimento ocorre em razão às várias desigualdades sociais que acarretaram muitas expressões da “questão social” em nossa sociedade, ou seja, manifestações do real do cotidiano de cada sujeito. E é com base nisso que destacamos alguns dos movimentos sociais que em razão de sua história acabam tendo uma maior projeção ao longo da história.

Em sua gênese os Movimentos Sociais surgem no século XVIII, a partir da revolução industrial na Inglaterra, com os trabalhadores revoltados em razão da exploração pelo trabalho cuja carga horária era excessiva, se praticava a exploração das crianças e mulheres, além da insalubridade no local de trabalho. (MONTAÑO. 2011). Para se ter uma ideia, por volta de 1820 em Londres, a cidade mais industrial da Inglaterra, a idade média de vida dos operários era de vinte e um anos (os patrões viviam três vezes mais), crianças de 5 (cinco) anos já trabalhavam em fabricas e tudo isso nas piores condições de dignidade humana (GIANNOTTI, 2007, p. 29).

Com o crescimento industrial foram-se criando máquinas e em consequência disso os trabalhadores foram sendo substituídos, o que gera revolta nas fábricas e indústrias (ou seja, no concreto de sua prática profissional, no real vivido e experienciado por cada um). Se de início a revolta era individual, visto que cada um tem interesses e necessidades diferenciadas, aos poucos ela se amplia para a coletividade, uma vez que passa-se a uma consciência de classe que decorre de uma identidade de classe.

Inicialmente, os operários lutam individualmente; depois, os operários de uma fábrica, em seguida os operários de um ramo industrial numa localidade lutam contra cada um dos burgueses que os exploram diretamente. Não dirigem-nos contra os próprios instrumentos de produção, destroem as mercadorias estrangeiras concorrentes, incendeiam as fábricas, procuram recuperar a posição perdida do trabalhador medieval (Marx, Engels, 1998, p.14).

Ou seja, com isso os trabalhadores/proletariados, unidos através de movimentos sociais, começaram a destruir as máquinas<sup>3</sup>, desencadeando ações violentas, pois

---

<sup>3</sup> Na Inglaterra, onde o emprego da máquina era mais generalizado, surgiu o Ludismo, movimento que recebeu o nome de seu líder, Ned Ludd. O sentimento de insegurança e os terrores da miséria convenceram Ludd e seus seguidores da maldicência da máquina, considerada a inimiga principal. Podemos ter uma ideia do que foi esse movimento, por uma carta ameaçadora que Ludd endereçou a um certo empresário de Huddersfield, em 1812: "Recebemos a informação de que é dono dessas detestáveis tosquiadoras mecânicas. Fica avisado de que se elas não forem retiradas até o fim da próxima semana eu mandarei imediatamente um de meus Representantes distraí-las[...] E se o Senhor tiver a imprudência de disparar

acreditavam que a causa do desemprego eram as máquinas e o avanço da tecnologia.

Em razão deste movimento, iniciaram-se em 1824 na Inglaterra as organizações sindicais e a negociação sobre os salários e horas de trabalho para amenizar a luta isolada dos operários, o que expressa a identidade desta categoria com sua luta por direitos sociais/trabalhistas que até então lhe eram negados. Esse movimento sindical se expandiu para outros países como a França, Alemanha e Estados Unidos.

Com essa conquista ocorreu a diminuição da carga horária de trabalho – que passou de 16 horas para 8 horas - os níveis salariais são revisados e o descanso semanal remunerado, bem como a proteção contra acidente são implementados.

No Brasil, foi na cidade de São Paulo que se iniciaram as primeiras manifestações dos trabalhadores. Na busca por melhores condições de trabalho e por seus direitos, se uniram e iniciaram discussões, negociações e paralisações que visavam avanços nas leis trabalhistas bem como saúde e cidadania. Neste período, foram realizados estudos sobre os movimentos sociais em que alguns deles foram sistematizados num debate ocorrido no encontro do Centro de estudos rural e Urbano da USP – Universidade de São Paulo, em 1979 (GOHN. 1997).

No ano de 1983 constitui-se a CUT – Central Única dos Trabalhadores -inspirada no sindicato de classes. Já se entendia que, independentemente do Estado, a luta sindical deveria servir como luta reivindicatória e negociadora, ocorrida através do Congresso Nacional sendo então realizada a aprovação dos estatutos que buscavam “[...] uma sociedade sem exploração onde impere a democracia política, social e econômica” (MATOS, 2009, p. 123).

Outro movimento que tem em seu bojo a diversidade e que traz ao olhar da sociedade as diferenças sociais no acesso à terra e desta como forma de empoderamento e de cidadania é o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, ou MST. Surgido no ano de 1984 no município de Cascavel, Paraná, quando ocorre a primeira reunião do movimento, o MST busca discutir e mobilizar a população em torno da concretização da Reforma Agrária que desde então se confunde com a história do movimento no Brasil. No Brasil a reforma agrária surgiu porque existia, após o Brasil-colônia, uma divisão desigual da terra, que foi realizada após a ditadura militar.

O MST é a referências central dos principais órgãos internacionais que congregaram organizações camponesas, tais como a Via Campesina –

---

contra qualquer dos meus Homens, eles têm ordem de matá-lo e queimar toda a sua Casa". (Citado por RUDE, G. op. cit. p. 92).

organização internacional que realiza campanha global pela reforma agrária e articula diversos movimentos do campo que lutam por soberania alimentar e políticas agrícolas adequadas à pequena produção [...]MONTAÑO, 2011, p.278-279).

Nesta mesma perspectiva temos ainda os movimentos dos excluídos do meio urbano e rural como os movimentos sem tetos (MTST)<sup>4</sup> e Movimentos trabalhadores Desempregados (MTD)<sup>5</sup>. Embora estes movimentos sigam representando diversidades e formas de enfrentamento no combate ao tratamento desigual no acesso as condições mínimas de dignidade humana como trabalho, habitação, educação, saúde, por parte das políticas sociais e do Estado, importante reforçarmos a importancia de outros movimentos sociais que nos trazem outros aspectos que, além destes recortes também trazem elaborações referentes às diversidades culturais, etnicorraciais, de gênero e identitários.

### 3 SOBRE MOVIMENTOS SOCIAIS, SEUS ASPECTOS IDENTITÁRIOS E CULTURAIS

Falar dos movimentos sociais - tenham eles o recorte de gênero, etnia-raça, orientação sexual, dentre vários outros – é trazer à discussão uma contestação sobre a manutenção dos recursos e direitos que durante muito tempo seguiram atendendo a um grupo minoritário de sujeitos, com “identidade e endereço fixos”: aqueles que atendiam o disposto em determinada norma, norma esta disposta por um grupo de poder hegemônico.

Segundo Montañó (2011, p. 282) o processo de constituição das lutas e organizações de combate à discriminação racial na América Latina e no Brasil é um processo que se volta a descolonização dos países Africanos e se verifica desde o combate ao *apartheid* na África do Sul à busca pelos direitos civis dos negros, nos Estados Unidos<sup>6</sup>. No Brasil, ainda no século XIX, foram identificados em jornais voltados a população negra discussões voltadas para esta temática.

Trata-se da adesão a uma estética da negritude – vestuário, penteados, adereços, ditos afro. Além de sua própria imagem, a adesão deve passar pela valorização e mesmo adoção de elementos da “cultura africana”, tais como

<sup>4</sup> O MTST é um movimento que organiza trabalhadores urbanos a partir do local em que vivem: os bairros periféricos.

<sup>5</sup> O Movimento dos Trabalhadores Desempregados “Pela Base” é um movimento social que busca, a partir da mobilização do povo organizado, lutar na reivindicação dos direitos e das necessidades mais imediatas do nosso povo, seja na educação, saúde, cultura, trabalho, etc.

<sup>6</sup> Aqui podemos destacar ícones pacifistas como Marthin Luther King, cujo assassinat desencadeou um levante em vários países.

música, dança, jogos e até hábitos alimentares, traduzidos nos jornais em receitas atribuídas aos antigos descendentes de escravos. Para completar o modelo, insiste-se na adoção, para as crianças, de nomes africanos, que aparecem sempre nos jornais acompanhados de sua tradução para o português (DOMINGUES, 2007,p.116)

Jornais denunciavam a discriminação racial e reivindicavam educação, ascensão social, condições justas de trabalho. Com o Golpe Militar foram 1964 foram reprimidos voltando somente em 1970. Em 1978 com a morte de um operário negro Robson Silveira da Luz, houve um manifesto no Teatro Municipal de São Paulo, momento em que com a união da Igreja Católica, a Ordem de Advogados do Brasil (OAB), Associação Brasileira de Imprensa (ABI), todos engajados na luta antirracista, cria-se o Movimento Negro Unificado contra a Discriminação Racial (MNU). Foi este movimento que, segundo Montañó (2011. P. 283) “[...] em 1978 declarou-se que 20 de novembro dia da morte de Zumbi dos Palmares, seria considerado o dia da Nacional da Consciência Negra”.

Outros momentos históricos são relevantes para a luta antirracista no Brasil. Em 1980 são criados programas para denunciar atos de racismo; em 1988 comemora-se o centenário da abolição da escravatura e a carta Constitucional passa a trazer em seu texto os pressupostos da igualdade ao afirmar que:

Art. 5º Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no País a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade (BRASIL, 1988, p. 10).

A partir daí dá-se início à busca para erradicar o racismo e enfrentar as manifestações do preconceito porém com a convicção de que um longo caminho para igualdade material - o direito a vida, liberdade de expressão sem discriminação de em especial por causa da cor da pele – ainda precisaria ser trilhado, principalmente pelo resgate que precisaria ocorrer para que este direito venha a se tornar concreto.

Um exemplo na atualidade que demonstra a importância e a necessidade de todo este resgate vem de uma expressão cultural ainda pouco conhecida: o hip-hop.

[...] Um movimento popular, que fala a linguagem da periferia, rompendo com o discurso vanguardista das entidades negras tradicionais. Além disso, o hip-hop expressa a rebeldia da juventude afrodescendente, tendendo a modificar o perfil dos ativistas do movimento negro; seus adeptos procuram resgatar a autoestima do negro, com campanhas do tipo: Negro Sim!, Negro 100%, bem como difundem o estilo sonoro rap, música cujas letras de protesto combinam denúncia racial e social, costurando, assim, a aliança do protagonismo negro [...] com outros setores marginalizados da sociedade. E para se diferenciar do movimento negro tradicional, seus adeptos estão, cada vez mais, substituindo

o uso do termo negro pelo preto (DOMINGUES, 2007.p.119).

Tomando-o como discurso e compreendendo-o no contexto identitário, não fica difícil transpô-lo para outro contexto, como por exemplo as políticas habitacionais. Segundo o art. 68 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias de nossa Carta Magna, os remanescentes das comunidades quilombolas que estejam ocupando tais terras devem ter sua propriedade reconhecida e o Estado emitir a estes, seu título definitivo (BRASIL, 1988) . Embora retrate o direito à moradia, trata-se da identidade de um povo e a continuidade de sua cultura. Conforme nos ensina Lucena (2014, s.p.)

[...] quando se trata de comunidade remanescente quilombola, esse direito à moradia assume proporções gigantescas, traduzindo-se em um direito associado à identidade étnica do grupo, posto que a terra que vem sendo ocupada pelo grupo, bem como a terra que deveria estar sendo ocupada pelo grupo, é o elo que mantém a união do grupo e que permite a sua continuidade no tempo, através das gerações, possibilitando a preservação da cultura, dos valores e do modo peculiar de vida da comunidade.

Trata-se portanto de resgatar a autoestima das pessoas que durante anos sentiram-se inferiores por terem negados o direito à educação eo respeito à própria cultura.

Também buscando promover o enfrentamento aos mecanismos de opressão, se organizam os movimentos feministas e de luta pela diversidade sexual. Segundo Montañó (2011, p. 285), nos século XVIII e XIX, se desenvolveu, na Europa e nos Estados Unidos os primeiros movimentos feministas e de mulheres, que se caracterizava pela luta contra todas as formas de opressão, subalternidade e discriminação sobre as mulheres, buscando, para tanto, liberdade, igualdade e a autonomia para elas. A revolução industrial, nesta perspectiva, ao alterar a divisão sexual do trabalho, expande a luta para o meio urbano e as fábricas.

[...] o feminismo no Brasil, vale chamar a atenção para o movimento das operárias de ideologia anarquista, reunidas na “União das Costureiras, Chapeleiras e Classes Anexas”. Em manifesto de 1917, proclamam: “Se refletirdes um momento vereis quão dolorida é a situação da mulher nas fábricas, nas oficinas, constantemente, amesquinhas por seres repelentes” (PINTO, 2003, p. 35).

Na América Latina a historiografia retrata ser na década de 1970 e através do exílio que as mulheres tiveram os primeiros contatos com o feminismo internacional, na busca pela libertação da classe trabalhadora e a relação da maneira como as mulheres se organizavam. Lutaram para uma legislação de amparo a mulher trabalhadora, igualdade salarial, controle de natalidade, e na luta ao voto. Nessa perspectiva, trata-se de uma luta

recente e que falta muito a se chegar a igualdade real de gênero, assegurando pautas como o direito ao aborto legal e seguro, a autonomia do sobre o próprio corpo e a luta contra a subalternidade feminina e a violência doméstica.

Nos cabe também tratar do Movimento pela Liberdade de Orientação Sexual (cuja sigla atual é LGBTQIA+), com inúmeras reivindicações e defesa do exercício da livre sexualidade. Protestos contra “proibir, proibir”, discriminação racista, sexista e homofóbica, foram decisivos para este movimento. Apesar de varios autores “datarem” a organização dos Movimentos LGBTQIA+ no Brasil no final da década de 1970, Fachini nos traz um outro dado a respeito. A pesquisadora,

[...] remete o nascimento do movimento homossexual ao final da década de 1940, quando se tem a primeira organização destinada a desconstruir uma imagem negativa da homossexualidade: o espaço chamado de *COC (Center for Culture and Recreation)*, em Amsterdam, que foi criado pelo grupo que editava uma publicação mensal sobre homossexualidade, o *Levensrecht* - cujo título pode ser traduzido para o português como "Direito de viver". Os organizadores desse centro investiam seu esforço na promoção de ocasiões de sociabilidade e no trabalho junto a autoridades locais para fomentar a tolerância para com homossexuais. (FACCHINI, sp/sd).

Em 1950, um grupo clandestino iniciava a discussões sobre homossexualidade. As décadas de 1960 e 1970 marcam um crescente visibilização e radicalização desse incipiente movimento, caracterizadas por um discurso de auto- afirmação e liberação, a exemplo de grupos como *Society of Individual Rights*, organização homossexual de São Francisco que, pouco a pouco, acabou tomando boa parte do espaço ocupado pela *Mattachine Society*. O grande marco internacional do movimento homossexual nesse período, presente ainda na atualidade, foi a revolta de *Stonewall*, um bar de frequencia homossexual em Nova York.

Constantemente abordados pela polícia, os frequentadores do bar partiram para o confronto aberto com os policiais em 28 de junho de 1969, data que se internacionalizou como o "Dia do Orgulho Gay". No Brasil, em 1995, a Parada do Orgulho Gay na cidade do Rio de Janeiro, torna-se um dos principais movimentos LGBTQIA+ e canal de expressão da diversidade e busca pela garantia de direitos.

Os movimentos sociais, ao atuarem na perspectiva da educação não formal, explicitam a diversidade existente na sociedade (entre as classes, gênero. Etc) e ao fazê-lo demonstram em sua ações e reivindicações a importancia de sua compreensão para o cotidiano da pratica profissional do assistente social. Revela ainda que as politicas sociais, em sua maioria, ainda é gestionada e executada por profissionais que nem sempre estão

a par destas realidades, o que demonstra a necessidade de se buscar cada vez mais a intersectorialidade para o atendimento integral destes sujeitos de direitos, mandatários do serviços socioassistenciais.

#### **4 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Com base no que foi apresentado no presente artigo entendemos a importância de se conhecer o histórico dos movimentos sociais para que possamos entender melhor os movimentos da atualidade, estudar sobre esse tema nos faz ter uma visão ampla da sociedade e de quanto tivemos que lutar para conseguir a conquista de alguns espaços no meio social.

Percebemos o quão os movimentos sociais estão atrelados as expressões da “questão social”, a qual a população luta por garantir seus direitos, entendemos que independente das diferenças que cada individuo apresente todos devem ter seus direitos garantidos assim como diz no Art. 6º da Constituição da República Federativa do Brasil: “São direitos sociais a educação, a saúde, o trabalho, a moradia, o lazer, a segurança, a previdência social, a proteção à maternidade, à infância e a assistência aos desamparados, na forma desta Constituição”. (BRASIL. 1998).

Assim tanto os movimentos sociais quanto os demais campos de intervenção do Assistente Social são espaços plurais que mostrar as diversidades culturais e classista, e que permitem ao profissional realizar uma ação socioeducativa, para compreender, respeitar e intervir na diversidade que se apresentam no cotidiano profissional levando os profissionais a também construir e fortalecerem a sua identidade pessoal e profissional.

## REFERÊNCIAS

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/Constituicao/Constituicao.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao.htm) Acesso em: 21 de Julho de 2016.

BRASIL. **Histórico da luta de LGBT no Brasil**. Disponível em: [http://www.crpsp.org.br/portal/comunicacao/cadernos\\_tematicos/11/frames/fr\\_historico.aspx](http://www.crpsp.org.br/portal/comunicacao/cadernos_tematicos/11/frames/fr_historico.aspx) Acesso em: 21 de Julho de 2016.

BRASIL. **Movimento dos Trabalhadores Desempregados**. Disponível em: <https://mtdrio.wordpress.com/quem-somos/> Acesso em: 21 de Julho de 2016.

BRASIL. **Movimento dos Trabalhadores Sem Teto**. Disponível em: <http://www.mtst.org/quem-somos/> Acesso em: 21 de Julho de 2016.

DOMINGUES, Petrônio. **Movimento Negro Brasileiro**: alguns apontamentos. Artigo publicado em março de 2007. Doutor em História pela Universidade de São Paulo. Professor da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (Unioeste). E-mail: [petronio@usp.br](mailto:petronio@usp.br).

FACCHINI, Regina. **Sopa de Letrinhas?** Movimento homossexual e produção de identidades coletivas nos anos 90. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.

FRANÇA, P.I. S. de. ; LUCENA, C.A. **O Materialismo Histórico-Dialético e a precarização do trabalho na educação superior brasileira**. Estudos do Trabalho Ano III – Número 5, 2009. Disponível em: [www.estudosdotrabalho.org](http://www.estudosdotrabalho.org). Acesso julho de 2016.

GOHN, Maria da Glória. **Teorias dos Movimentos Sociais**; Paradigmas Clássicos e contemporâneos. Ed. Loyola. São Paulo, Brasil. 1997.

LUCENA, Danielle Cabral de. **A proteção conferida pelo Art. 68, ADCT, às comunidades remanescentes de quilombos**. 2014. Disponível em: <http://www.conteudojuridico.com.br/artigo,a-protacao-conferida-pelo-art-68-adct-as-comunidades-remanescentes-de-quilombos,51732.html>.

MONTAÑO, Carlos. **Estado, classe e movimento social**. – 2ed. – São Paulo: Cortez, 2011. – (Biblioteca básica de serviço social; v. 5).

PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação. **Educação Ambiental**. 2008. PARANÁ. SEED – Secretaria de Estado da Educação do Paraná. Educação Ambiental. Disponível em: [http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/cadernos\\_tematicos/tematico\\_ed\\_ambiental2008.pdf](http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/cadernos_tematicos/tematico_ed_ambiental2008.pdf) > Acesso em: 21 de Julho de 2016.

PINTO, Célia Regina Jardim. **FEMINISMO, HISTÓRIA E PODER**. Artigo, Rev. Sociol. Política, Curitiba, v. 18, n. 36 Recebido em 13 de julho de 2009. p. 15-23, jun. 2010 Aprovado em 10 de dezembro de 2009. Ev. Sociol. Polít. Curitiba, v. 18, n. 36. Disponível em: [www.scielo.br/pdf/rsocp/v18n36/03.pdf](http://www.scielo.br/pdf/rsocp/v18n36/03.pdf).